

**A relação trabalho e educação: transição no trabalho e na formação humana no
contexto do toyotismo**

**The relationship between work and education: transition in work and human formation
in the context of Toyotism**

**La relación entre trabajo y educación: transición en el trabajo y formación humana en
el contexto del toyotismo**

Recebido: 14/10/2020 | Revisado: 14/10/2020 | Aceito: 20/10/2020 | Publicado: 23/10/2020

Juliana de Assis Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8622-1194>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: Julianaassis2015@outlook.com

Leandro de Andrade Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5291-7783>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: pedagogoleandro@outlook.com

Marciano de Carvalho Batista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9456-0671>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: marcianocarvalho148@gmail.com

Emanoel Rodrigues Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: emanoel.almeida@ifce.edu.br

Fabiano Geraldo Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9303-9523>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: fabiano.barbosa@ifce.edu.br

Bárbara Cristhiny Gomes Zefarino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0057-8844>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: Barbara.cgz@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca analisar a dependência e autonomia da educação ao trabalho, destacando o contexto histórico do modo de produção capitalista no atual modelo de organização do trabalho: o toyotismo. O artigo foi elencado em quatro partes: a primeira, o trabalho como fundamento, em que é analisado como o ser humano salta do ser orgânico para tornar-se um ser social, posteriormente analisa-se a interferência do trabalho no atual modelo de educação flexibilizada, em seguida, discorremos sobre formação humana. E por fim, apresentamos nas considerações finais uma discussão sobre o que é velado pela educação flexibilizada. Nossa análise tem como método o materialista histórico dialético, por compreendermos que é o método que mais nos aproximada análise do real concreto. Para compor a discussão, conta-se com os seguintes teóricos: Antunes, Kuenzer, Lukács, Marx, Saviani e Tonet. São autores de grande relevo no meio acadêmico, quando se refere à questão ontológica do trabalho, que apresenta continuidades e descontinuidades de um modo de produção para o outro.

Palavras-chave: Trabalho; Formação humana; Aprendizagem flexível.

Abstract

This article seeks to analyze the dependence and autonomy of education at work, highlighting the historical context of the capitalist mode of production in the current model of work organization: Toyotism. The article was listed in four parts: the first, work as a foundation, in which it is analyzed how the human being jumps from the organic being to become a social being, later on, the interference of work in the current flexible education model is analyzed , then, we talked about human formation. And finally, we present in the final considerations a discussion on what is covered by flexible education. Our analysis uses the dialectical historical materialist method, as we understand that it is the method that most closely approximates the analysis of the concrete reality. The following theorists are included in the discussion: Antunes, Kuenzer, Lukács, Marx, Saviani and Tonet. They are authors of great importance in the academic environment, when referring to the ontological question of work, which presents continuities and discontinuities from one mode of production to the other.

Keywords: Job; Human formation; Flexible learning.

Resumen

Este artículo busca analizar la dependencia y autonomía de la educación en el trabajo, destacando el contexto histórico del modo de producción capitalista en el modelo actual de

organización del trabajo: el toyotismo. El artículo se enumeró en cuatro partes: la primera, el trabajo como fundamento, en la que se analiza cómo el ser humano salta del ser orgánico para convertirse en un ser social, posteriormente se analiza la injerencia del trabajo en el modelo educativo flexible actual. Luego, hablamos de formación humana. Y finalmente, presentamos en las consideraciones finales una discusión sobre lo que cubre la educación flexible. Nuestro análisis utiliza el método materialista histórico dialéctico, pues entendemos que es el método que más se aproxima al análisis de la realidad concreta. Los siguientes teóricos se incluyen en la discusión: Antunes, Kuenzer, Lukács, Marx, Saviani y Tonet. Son autores de gran importancia en el ámbito académico, al referirse a la cuestión ontológica del trabajo, que presenta continuidades y discontinuidades de un modo de producción a otro.

Palabras clave: Trabajo; Formación humana; Aprendizaje flexible.

1. Introdução

O trabalho enquanto atividade que transforma a natureza em bens úteis à existência humana é uma categoria universal, existente em qualquer forma de sociabilidade. No entanto ele se expressa historicamente de diferentes formas. Na primeira análise é necessário considerarmos que somos constituídos pelas naturezas inorgânica, orgânica e o trabalho permite o salto do ser natural para o ser social. O trabalho é atividade que humaniza. Esse agir do homem é um agir consciente, segundo Lukács (2012), um agir teleológico, que apresenta uma finalidade. Na concepção marxista, o conhecimento, nasce na sociedade.

Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (Marx, 1985, p. 149)

Numa segunda análise é relevante pontuarmos o trabalho na sociabilidade capitalista, em que é permeado pela divisão de classe, mais-valia, propriedade privada, divisão social do trabalho e não do homem. Divisão entre quem produz e quem se apropria, nesta óptica, o trabalho faz com que o ser humano perca as suas características de humano. Enfim, apresenta-se a diferença em relação ao trabalho das comunidades primitivas, em que o trabalho fazia

parte da própria existência humana, em relação a forma hodierna, na qual os seres humanos precisam vender a força de trabalho para sobreviverem.

Em suma, o trabalho na concepção ontológica é um agir do homem sobre a natureza, para esse agir se concretizar são necessários conhecimentos, estes adquiridos socialmente por intermédio da linguagem. Essa adesão aos conhecimentos, se dava no próprio trabalho, era trabalhando que os indivíduos se educavam. Entretanto, com o surgimento da propriedade privada marca o início das sociedades de classes, em que ocorre a exploração de uma classe sobre a outra, ou seja, a maioria produz enquanto a minoria se apropria privadamente.

Isto posto, esse texto brotou da necessidade de compreender como se dá o processo de dependência e de autonomia da educação em relação ao trabalho.

2. Metodologia

O presente texto apoiou-se em uma pesquisa de cunho qualitativo bibliográfico, visto que é necessária uma imersão em teóricos que já estudam com propriedade acadêmica sobre os questionamentos que levaram a essa discussão. Uma pesquisa bibliográfica consiste em ser também descritiva, podendo ser definida como aquela que "observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los" (Jardilino, Rossi, Santos, 2000).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica que se fundamente especificamente em artigos científicos e livros, todos apresentam um viés marxista, em que todos são elencados sobre a base do materialismo histórico. Para compor a discussão conta-se com os seguintes teóricos: Marx (1985), Lukács (2012), Antunes (2017), Kuenzer (2016), Saviani (2007) e Tonet (2007). São autores de grande relevo no meio acadêmico, quando se refere a questão ontológica do trabalho, que apresenta continuidades e descontinuidades de um modo de produção para o outro.

Com o fim de analisar a dependência e a autonomia da educação ao trabalho no contexto do toyotismo, esse texto contará com a seguinte divisão: iniciando com uma metodologia qualitativa bibliográfica, que conta com a revisão bibliográfica de autores de relevo na área, no intuito de compreender essa relação, seguindo do trabalho como mediação e protoforma, em que é analisado, como somos constituídos de natureza inorgânica, orgânica ao saltarmos a ser social, posteriormente analisa-se a interferência do trabalho no atual modelo de educação flexibilizada e para concluir a discussão, discorrer sobre formação humana.

3. Resultados e Discussão

Trabalho: mediação e protoforma do ser social.

O trabalho é uma atividade exclusiva do ser social, pois é a atividade que permitiu o salto do ser biológico, constituído das esferas inorgânica e orgânica, para uma esfera social. Esse processo de transição só é possível, por uma mediação, denominada trabalho. Portanto, o trabalho primeiramente é uma mediação da forma orgânica a social, neste processo há uma atividade que ganha lugar fundante no ser social, esse lugar é dado ao trabalho.

Assim, o trabalho vai assumir no ser social, um lugar de categoria fundante, no sentido dele ser o fundamento para todas as demais atividades humanas. Pois, o trabalho como sendo uma travessia que coadunou o ser orgânico com o ser social, ele torna-se uma categoria a ser seguida pelas demais atividades humanas, levando em consideração que o trabalho sempre foi uma relação do homem com a natureza, uma relação entre sujeito e objeto.

Essa é a principal relação social, em que transforma a natureza física em juntamente com a natureza humana. É por meio desta atividade que a humanidade produz os bens materiais necessários à vida. Só que para o trabalho existir no ser social, ele se relaciona com outras atividades.

o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza, desenvolve as potências que nela se encontram latentes e sujeita as forças da natureza a seu próprio domínio. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios de trabalho, em objetos de trabalho, em matérias-primas etc. (Lukács, 2012, p. 286)

A educação é um complexo social fundado pelo trabalho, ela surge no ser social juntamente com a linguagem. Sua função social é transmitir o modo como os indivíduos produzem sua existência material. Segundo Lukács (2012) os homens não nascem sabendo trabalhar eles aprendem a trabalhar por meio da educação. Por isso, a educação é fundamental no ser social, pois é por meio dela que o ser social aprende a produzir a materialidade e a reproduzir os valores, as ideias e a cultura humana.

Pautando-se, de que educação não é trabalho ontológico, pois na perspectiva ontológica, trabalho é a relação sujeito e objeto, enquanto na educação é uma relação sujeito e sujeito. No trabalho, o sujeito tem controle sobre a matéria, e na educação apresenta uma relação subjetiva.

Reflexo do trabalho na educação no contexto da aprendizagem flexível

Levando em consideração que a educação está inserida na sociedade, torna-se necessário estudar primeiramente a sociedade. Marx (1995) considera a necessidade primordial de estudo, a economia política. Pois precisamos compreender como funciona a sociabilidade na qual se encontra o campo educacional em questão. Pois Marx defende o rigor científico como meio de investigação que nos permite apreender a totalidade concreta, por meio da compreensão das particularidades, das singularidades e de suas determinações reais. Segundo Marx (1995), no modo de produção capitalista, o trabalho assume a forma de trabalho alienado. Este para Marx, na medida que expressa uma negatividade, no qual o produto do trabalho, resulta de sua exteriorização, não pertence ao seu criador, o ser social que trabalha passa a não se reconhecer no produto do seu trabalho.

Assim, de acordo com Antunes (2017), o indivíduo se vê diante um estranhamento, que ele próprio criou, esse estranhamento é algo pensado é um agir consciente pela classe dominante que detém os meios de produção. O trabalho perde seu caráter de atividade vital, e no modo de produção capitalista passa a ser um meio para a mera sobrevivência humana.

O modo de produção contemporâneo tem como fundamento o trabalho assalariado ou alienado, visto que, o trabalho vivo necessário para o modo de produção capitalista. Sendo assim, ocorre o que Lucáks, chama de desantropomorfização, o trabalho deixa de ser específico do homem, e passa a encontrar algo que não é humano no universo do trabalho. Segundo Saviani (2007), o surgimento do ser social, ocorre, quando há o salto do ser natural que não só transforma a natureza, como também se autotransforma nesse processo. Em que para existir se vê na condição de produzir sua própria existência, diferente dos animais que se adaptam à natureza, os indivíduos têm que adaptar a natureza a si. Esse ato de agir sobre a natureza para as funções de necessidade, é denominado trabalho.

Destarte, a produção do homem em paralelo com a formação humana é um processo educativo, em que a relação entre trabalho e educação, é uma relação de unidade em que os indivíduos se educavam no e para o trabalho, educando as futuras gerações, denominado por Saviani como “comunismo primitivo”, uma educação que ocorria nas comunidades primitivas, espaço que não havia dicotomia de classes.

Portanto, com o desenvolvimento e a produção de excedente que permitiu a apropriação privada, a exploração de um grupo por outro, e uma divisão social do trabalho, originado em dois grupos: os proprietários e os não proprietários. Com advento da sociedade

de classe, torna-se possível, o grupo de proprietários viver sem trabalhar, que segundo a concepção marxista, é algo real, concreto. É desigual.

Já com a ascensão do modo de produção feudal, as escolas assumem outras características com grande influência da Igreja Católica. Levando em consideração que o presente artigo, busca direcionar para a educação no modo de produção capitalista. Período em que ocorre mudanças na educação confessional, em que o estado se coloca como protagonista.

Segundo Tonet (2007) se levar em conta as transformações no mundo do trabalho, a educação não corresponde às necessidades desse mundo. Até por volta da década de 1970, imperava a produção fordista-taylorista, marcada por uma produção em série e por um trabalho específico. Como consequência, a educação preparava os indivíduos para exercer uma determinada função durante toda vida, uma educação marcada por um caráter informativo e limitado.

A crise estrutural do capital, principalmente a partir da década de 1970, faz com que seja necessário uma reestruturação no modo de produção e dominação política, visto que, baseia-se no modo de produção japonês, o toyotismo. Destacando que o toyotismo não aboliu todos os fatores do modelo de produção Fordista/Taylorista, pois apresenta características de descontinuidades e continuidades.

A produção neste modelo é caracterizada por produção por demanda, o trabalho em equipe, o sistema *just time*, com uma estrutura horizontalizada, terceirização, desregulamentação do trabalho, em que o trabalhador desenvolve várias funções na mesma empresa. Antunes (20017), apresenta que essa desespecialização que marca o toyotismo, foi uma diversificação de tarefas já previamente racionalizada, no objetivo de atacar o controle que os trabalhadores mais qualificados detinham, em que o controle do saber fazer continua nas mãos da gerência.

Neste contexto, o trabalhador é substituído pelas máquinas, causando um impacto na economia, em que diminui os consumidores, apresentando uma contradição ao capital. Ocorre a expropriação do intelecto do trabalhador, em que sua subjetividade passa ser voltada para o capital, no toyotismo o estranhamento do trabalhador é elevado ao máximo.

Segundo Antunes (2017), quando o toyotismo foi difundido nas grandes potências capitalistas, em um contexto de crise, na década de 1970, apresentou uma série de qualificações profissionais, educacionais e comportamentais, apresentando uma forma de trabalhador multifuncional, que exige uma educação que se distancia cada vez mais de uma perspectiva crítica.

Por consequência, surge a aprendizagem flexível, resultado do projeto pedagógico da acumulação flexível, cuja lógica seja a oferta desigual da educação, mas de forma diferenciada, havendo necessidade de formar profissionais que podem acompanhar as mudanças tecnológicas, que segundo Kuenzer (2016) essa educação tem como finalidade a formação de trabalhadores flexíveis tanto do ponto de vista ético quanto cognitivo.

Com essas mudanças na educação e no trabalho, muda-se também o ambiente de formação que é a inserção da educação a distância, que é um exemplo de aprendizagem flexível, em que segundo Kuenzer (2016) o professor assume o lugar de tutor. Esses reflexos de flexibilização do trabalho no campo educacional são marcados por um currículo flexibilizado, o acompanhamento e a avaliação mediadas pelas tecnologias, na maioria das vezes não assumindo os níveis mais complexo de aprendizagem.

Ainda conforme Kuenzer (2016) aponta, que cada vez mais está sendo gerado um distanciamento físico e temporal da produção do conhecimento e entre os indivíduos. Segundo Meszáros (2008) é cada vez mais intenso a mercantilização da educação, proporcionando a homogeneização entre os alunos. E Antunes (2016), coloca que esse modo de produção colabora para a proliferação da pragmática educacional flexível para uma sociedade liofilizada para que as empresas contem cada vez menos com os trabalhadores.

Conclui-se que, na sociedade capitalista, o trabalho não deixa de apresentar o seu caráter de uso, mas este predominantemente determinado pelo valor de troca. Na sociedade capitalista a produção é realizada tendo como objetivo fundamental a reprodução do capital detrimento das necessidades humanas

Formação Humana

Segundo Tonet (2007), a palavra grega paideia, pode ser a melhor, quando se quer expressar a formação humana. Paideia exprime o ideal de desenvolver no homem aquilo que era considerado específico da natureza humana: o espírito e a vida política. Justamente, por isso, a formação era privilégios de poucos.

Anterior ao advento do capitalismo, apenas os grupos que se ocupava do ócio, detinham de uma formação de espírito, com a ascensão do capitalismo, essa conjuntura muda. Neste período o trabalho, deixa de ser uma atividade criativa, explicitadora das potencialidades humanas e assume como finalidade a produção de mercadoria, que é sinalizada pelo dinheiro.

Ainda de acordo com Tonet (2007), diante do contexto, Marx, propõe uma nova formação humana, que articule o espírito e matéria, subjetividade e objetividade, interioridade e exterioridade do ser social. Partindo da premissa de que o trabalho como um ato ontológico primário do ser social, Marx apresenta que o ser humano não se define pela sua espiritualidade, mas pela práxis

Ao longo da conjuntura histórica, marcada pela dicotomia entre o ideal e real, em relação a formação humana. Para compor a discussão do presente trabalho, a reflexão será sobre a segunda opção: o real. A reflexão parte-se da concepção marxista, de que o ato do trabalho, como sendo o ato que funda o ser social. Levando em consideração que não se nasce humano, torna-se humano, por meio da cooperação entre os indivíduos.

É, neste momento que a educação apresenta sua verdadeira finalidade de permitir que o ser social, aproprie-se dos conhecimentos, habilidades e valores, para tornar-se membro do gênero humano. No entanto, para que essa formação humana se efetive é necessário questionar a desigualdade social e uma tomada de posição contra a lógica do capital.

Como propõe Mészáros (2008), o campo educacional não prospera propondo apenas reformas educacionais, visto que, o sistema do capital é irreformável, que pela própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível.

Compreende –se que a formação humana, busca superar o ser humano dividido, e para isso é necessário compreender que o ser social é um ser histórico – social, que vivencia em um mundo concreto para atender suas necessidades e que a realidade é uma totalidade, síntese de múltiplas determinações.

A idéia de formação humana integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e ação de planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico – tecnológica e na sua apropriação histórica social. (Ramos, 2014, pag 86)

Diante do exposto, faz-se necessário a escolha de uma concepção marxista, o materialismo histórico dialético, que seria a concepção que apresenta uma articulação entre teoria e prática, que seria capaz de desvelar os verdadeiros pressupostos da formação no modo de produção capitalista, em específico a aprendizagem flexível, os verdadeiros pressupostos que impedem a compreensão da realidade concreta.

4. Considerações Finais

Em virtude das análises levantadas é possível perceber que o capitalismo busca apresentar aos indivíduos uma realidade fenomênica, que busca impedir a compreensão desta e da divisão de classes, na qual os indivíduos são manipulados. Nesse sentido, a aprendizagem flexível colabora para o velamento da realidade concreta, não abarcando a essência desta concepção de educação, apenas a aparência.

.A formação de acordo com a aprendizagem flexível é uma formação superficial, não havendo uma mediação teórica, em que esse tipo de formação é reduzido ao conhecimento tácito, com caráter meramente instrumental.

Nesta sociedade do espetáculo, assim considerada por Debord (2013), causa no ser humano, o que se considera de falsa liberdade, em que aparentemente o indivíduo possa escolher seu trabalho, mas na essência a lógica mercantil necessita que esse trabalhador transite por diversos ramos.

A única concepção capaz de solucionar as questões levantadas, é o materialismo - histórico- dialético, em que na busca de analisar as múltiplas determinações, em que se depara com as aparências, exige-se uma análise, para se constituir uma síntese, que permite compreender a totalidade, permitindo chegar a realidade concreta, latente da aprendizagem flexível. Em que irá promover a transformação radical das relações sociais de produção.

Diante das análises realizadas durante o desenvolvimento do artigo, nota-se que o não uso da aprendizagem flexível é uma questão que não se coloca, mas é necessário em pesquisas futuras, buscar compreender a forma que está sendo ofertada essa aprendizagem.

Referências

Antunes, R, Pinto, G. (2017). *A fábrica da educação*. São Paulo: Cortez.

Debord, G. (2013). *A sociedade do espetáculo*, 2013, eBooksBrasil.com

Jardilino, J. R, Rossi, G., Santos, (2000) G. T. *Orientações Metodológicas para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos*. São Paulo: Gion, (p.35-39 e p.48-49).

Kuenzer,A. (2016). *Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada*. Anais. Reunião Científica Regional da ANPED – XI ANPED SUL. Curitiba/PR, p. 1 – 22.

Lucaks, J. (2012). *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Marx, K.(1985). *O Capital, v.1*: Crítica da economia política. São Paulo: Cultural.

Mészáros, I. (2008). *A educação para além do capital*. São Paulo :Boitempo.

Saviani, D. (2007) *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, 12(32) 52-180, jan./abr.

Ramos, Marise Nogueira, (2014). *História e política da educação profissional*. Coleção Formação Pedagógica. Volume V. Curitiba: Instituto Federal do Paraná.

Tonet, I. (2007). *Educação contra o capital*. Maceió: Edufal.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Juliana De Assis Lima – 20%

Leandro De Andrade Gonçalves - 20%

Marciano De Carvalho Batista – 20%

Emanoel Rodrigues Almeida – 12,1%

Fabiano Geraldo Barbosa -12,1%

Bárbara Cristinny Gomes Zeferino - 12,1%